

Escola da Vida - uma proposta pedagógica para a construção de um mundo melhor - trabalho final apresentado pelo professor Raimundo Ferreira Ignácio na disciplina - Educação Brasileira - PUC - SP - Professor responsável - Mario Sergio Cortella.



Escola da Vida

Uma proposta pedagógica, alicerçada no professor Paulo Freire e em minhas práticas docentes, para a construção de um mundo mais justo e humano.

Ela será uma proposta pedagógica que não respeitará os limites físicos, temporais e de conteúdos que a educação tradicional tenta impor para manter o status quo. Estava eu a pensar que seria desta forma que iria iniciar este trabalho, ainda um tanto que abalado com a morte do "Japa"¹ em Campos de Jordão, lembrando o dia que ele veio a quadro para resolver aquela equação do segundo grau e não conseguiu, causando um riso geral na sala, ao fundo a música do Cazuza: "sua piscina está cheia de ratos...".

Quando sou interrompido por um pequeno pedaço de papel: "me de algum dinheiro para minha mãe comprar leite para meu irmão", aquela menina tinha no máximo quatro anos e estava ali do lado do carro.

Tirei uns trocados e entreguei -lhe, enquanto uma lágrima escorria em minha face, lágrima que misturava inconformismo, raiva e dor, ao fundo Cazuza: "sua piscina está cheia de ratos...".

¹ Meu aluno do primeiro ano de engenharia da Fundação Armando Alvares Penteado (FEFAAP) no primeiro semestre de 2000.

Em minha mente uma dúvida: será esta uma forma científica de apresentar o trabalho?

Provavelmente não, mas é isto que está acontecendo ao meu redor e que me motiva pensar em desenvolver a Escola da Vida, que terá como objetivo maior, formar cidadãos que pensem na construção de um mundo mais justo e humano.

Além disto, compactuo com uma das certezas do professor Paulo Freire, quando ele afirma que a educação não pode se responsabilizar por todas as mudanças, porém que não existem mudanças sem a educação.

Por outro lado, como não consigo alterar o drama da educação brasileira, resolvi, novamente me inspirar no professor Paulo Freire:

"... não posso ser professor se não percebo cada vez melhor que, por não ser neutra, minha prática exige de mim uma definição. Uma tomada de posição. Decisão. Ruptura. Exige de mim que escolha entre isto e aquilo. Não posso ser professor a favor de não importa o que. Não posso ser professor a favor simplesmente do Homem ou da Humanidade, frase de uma vaguidade demasiado contrastante com a concretude da prática educativa²".

Então tomei a decisão de levar adiante o meu projeto de construção da página - <http://www.escoladavida.eng.br>, e buscar transformá-la, nos próximos dois anos, de um ensaio a uma proposta pedagógica, que visa obter parcerias e comprometimentos, inicialmente de meus alunos, e depois, de quem se interessar, com a sua proposta maior, que é a de não permanecer presa os limites físicos, temporais e de conteúdos que a educação tradicional impõe, despertando o prazer e o comprometimento na formação, tanto do cidadão como de um mundo melhor para todos, mesmo porque o drama da educação brasileira é elaborado por pessoas insensíveis, porém de grande influência e poder, que visam manter o status quo.

Isto vem de longa data, como pude perceber durante as aulas das segundas à tarde³, de onde me baseio para apresentar a síntese a seguir:

² Pedagogia da Autonomia (saberes necessários à prática educativa) - São Paulo: Paz e Terra, 1997, p.115.

³ Aulas do professor Mario Sergio Cortella, que fazem parte da disciplina - Educação Brasileira – que é uma das disciplinas obrigatórias do curso de pós-graduação da Faculdade de Educação da Pontifícia Universidade Católica (PUC) São Paulo.

"... a origem da formação inadequada do brasileiro teve o seu início na ocupação pelos portugueses em 1500, isto porque não se havia um projeto de nação, já que aqui viviam:

- ✓ os índios, que queriam que todos fossem embora;
- ✓ os negros, que foram trazidos à força e escravizados;
- ✓ os europeus, que só desejavam se apoderar das riquezas e irem embora.

No período de 1500 a 1800, poderíamos afirmar que não havia intenção de formação de nação e em consequência nenhuma intenção de bem formar.

Em 1822, não querendo acatar a idéia de voltar a Portugal, D Pedro I fala - "diga ao povo que fico..." e proclama a independência, independência proclamada pelo próprio colonizador.

Em 14 de novembro de 1889 o povo dormiu sobre o império e acorda sobre a república, o que comprova mais uma vez, que o povo de nada participava, fato este que não teve grandes alterações até os dias de hoje.

De 1889 a 1930 aparece à escola tradicional que tem como grande aliada à igreja que monta a escola tradicional, ou seja, baseada em propostas pedagógicas do século XVI. Este tipo de escola é aquela centrada no professor, o que implica dizer que ela valoriza as verdades prontas e a memória, onde se continua a dar o conhecimento para que não se possa pensar, continua a adquirir e reproduzir para não criar e continua a consumir em lugar de realizar trabalhos de reflexão.

Até esta data (1930) o povo estava fora da escola e quando em 1930 surge a escola para todos, surge também a "ESCOLANOVISMO" que deixou de lado os conteúdos dando ênfase ao "adestramento" que atinge principalmente o "povão", o qual não tinha escolha e nem estrutura para aprender fora da escola.

Apesar da "escola para todos", foi só em 1970 que o "povão" entra realmente na escola e aí só se tem o **TECNICISMO**, onde o aluno é só tratado como produto."

Eu diria que estão aí grande parte dos problemas da educação brasileira, que consegue sobreviver sem nenhuma proposta pedagógica adequada para as mudanças necessárias para a construção de um mundo mais justo e humano, já que convive com deficiências do tipo:

- ✓ ensino centrado no professor, o que equivale a dizer que prevalece:
 - ❖ o isolamento pedagógico, onde o docente além de ser uma "ilha" se considera o "dono" da sala de aula e o "dono" do saber e da competência em sua área; um ser que não precisa ouvir ninguém, muito menos o aluno, obrigando-o a conviver com situações totalmente desassociadas de seu cotidiano;
 - ❖ o medo, um dos maiores responsáveis pela não eficiência, ou até mesmo, ausência de formação, já que o medo tira das pessoas o seu orgulho, ferindo-as e tirando-lhes a oportunidade de aprender, pensar e criar, e se comprometer e participar de sua formação;
 - ❖ as verdades prontas e acabadas;
- ✓ ensino que deixa de lado os conteúdos e preocupa-se basicamente com o "adestramento" e com a preparação da "mão de obra" para o mercado, que geralmente não a valoriza e que exige como "formação", tanto o conformismo com a convivência com o fatalismo;
- ✓ ensino baseado nas técnicas, o que reforça as condições descritas anteriormente, negligenciando a formação de cidadãos autônomos e responsáveis pela construção de seu próprio mundo, que passa a ser construído segundo os interesses de uma pequena minoria.

A grande maioria dos nossos professores, para agravar o problema, transforma as nossas escolas em "arquipélagos" (departamentos), que são formados por "ilhas" (disciplinas do departamento), onde não se fala o mesmo idioma, principalmente o dos alunos, o que resulta, além de uma comunicação

ineficiente, muitas vezes indecifrável para um grande número de pessoas que constituem a comunidade acadêmica.

Neste tipo de instituição impera a metodologia tecnicista, onde os alunos são sempre considerados como "tabulas rasa", o que equivale a dizer que além de não respeitar seus conhecimentos anteriores, valoriza-se principalmente o adestramento da memória e a mera reprodução dos conhecimentos, tanto para avaliação, na verdade exames, como para promoção, representando desta forma um exemplo vivo do que o professor Paulo Freire denominou de educação bancária.

Nesta escola não se forma um homem completo, já que as técnicas acabam por colocar a seu serviço o próprio homem, que não será completo enquanto não aprender a olhar para dentro de si e tentar descobrir o mistério de sua interioridade, desenvolver sua sensibilidade e criatividade que o conduzirão a maneiras de desvendar a riqueza de seu ser e compreender o sentido de sua vida a aí usar os meios para edificar a comunidade e ser feliz.

Neste tipo de escola, por melhor que seja a intenção do docente, cada um corre para uma dada direção, resultando em alunos técnicos e em muitas vezes, com grandes dificuldades de saber para onde ir, e quando não se sabe para onde ir, ou se mantém o status quo chegando a lugar nenhum, ou há uma formação ineficiente sob o ponto de vista crítico e humanista.

Nesta escola, o aluno é mais uma "ilha", geralmente não prioritária, onde se fala um idioma completamente diferente dos falados nos "arquipélagos", resultando na ausência de motivação e comprometimento na conquista da excelência de sua formação.

Como conseqüência desta falta de integração (ausência ou não conhecimento de uma proposta pedagógica) obtém-se formações deficientes, muitas vezes promovidas por currículos ultrapassados, ou mesmo por currículos originados por batalhas entre as "ilhas" que deram origem às reformas curriculares inadequadas para a formação de um profissional crítico e humanista.

Como não tenho poder, nem tão pouco as vias de comunicações a meu serviço, mesmo não sendo o dono da verdade, resolvi recorrer a Internet e divulgar este meu projeto - A Escola da Vida, procurando construir on-line, de forma

participativa e multidisciplinar esta minha proposta pedagógica. Além disto, optei pela Internet, já que inicialmente desejava romper os limites físicos, temporais e de conteúdos que a educação tradicional me impunha, e o confronto com a máquina, com os ambientes virtuais, os novos padrões de relacionamento com alunos e com pessoas, algumas desconhecidas fisicamente, quebravam quase todas minhas seguranças e abalavam meus referenciais e isto me motivava a também repensar minhas práticas e a perseguir a excelência, que impregnada de consciência leva-me a desejar participar da construção de um mundo mais justo e humano, onde o diálogo⁴ será um dos melhores facilitadores de sua construção.

A minha esperança é sensibilizar meus alunos, e outros que por ventura se interessarem pelo assunto, a quebrar a linearidade e a não atualidade dos conteúdos acadêmicos tradicionais, que no meu entendimento é outro grande responsável pelos adestramentos e desmotivações dos alunos.

Nesta minha proposta, o docente não se limita as velhas fichas e nem tão pouco aos conteúdos estabelecidos pelos currículos, quase sempre inadequados para as concretizações das mudanças almejadas para uma formação crítica e humanista.

Resolvi recorrer a linguagem digital, pois além de ser uma linguagem hoje sem fronteiras, permite romper limites, mudar discursos e gerar flexibilidade.

Infelizmente, tenho a consciência que não conseguirei desta forma atingir a todas as camadas, porém era preciso começar e aí ter a possibilidade de transformar meus sonhos em realidade. Além disto, apesar da Internet ser um dos possíveis agentes de exclusão, optei por sua utilização, já que ela me possibilita romper as amarras e nos ambientes onde atuo, apesar das propostas pedagógicas estarem voltadas para uma sólida formação técnica científica, os alunos, que tem acesso a esta ferramenta, são praticamente excluídos de uma formação crítica e humanista, que são condições básicas para a construção de um mundo melhor.

E como é igualmente importante não sonhar só, resolvi pensar em sonhar com meus alunos e transmitir o sonho via Internet e aí, até mesmo evocando o

⁴ Baseado no trecho – o diálogo - do livro Pedagogia do Oprimido - editado pela Paz e Terra - 18ª edição

"velho" e saudoso Raul Seixas, viver um de seus refrões: "sonho que se sonha junto não é sonho, mas sim realidade".

Através desta proposta, recorro a não linearidade do pensamento para se ter uma situação mais próxima da nossa maneira de pensar, o que ao meu ver, também possibilitará uma formação mais eficiente (este será um dos pontos a ser pesquisado nestes próximos anos).

O que gostaria de deixar no final deste trabalho, para análise e sugestões, é um dos alicerces da minha proposta pedagógica, que é a reeducação:

Apesar das grandes alterações e do progresso fantástico da humanidade, neste último século, um grande número de escola continua a dar o conhecimento para que não se possa pensar; continua a adquirir e reproduzir para não criar, continua a consumir em lugar de realizar o trabalho de reflexão, tudo isto visando a manutenção do status quo.

O fracasso deste tipo de instituição já está sobejamente comprovado, apesar de sua nobre missão de educar.

É por esse motivo que devemos pensar na reeducação, que é processo, oriundo da batalha travada entre a excelência e a mediocridade, a passividade e a participação, onde temos como vencedoras a excelência e a participação na construção de um mundo mais justo e humano.

Esta proposta é inovadora pelo simples fato de deixar de estabelecer fronteira entre a escola e a sociedade. Nela estamos constantemente repensando o seu papel e o seu propósito, conhecendo de forma mais íntima a comunidade escolar, definindo com maior transparência as suas missões, objetivos, atualizando, criando novos processos e alternativas para as soluções dos problemas. Na mesma, o Diretor consegue resultados através de pessoas: os Chefes de Departamentos, os Chefes de Setores, os Educadores, os Laboratoristas, os Funcionários Administrativos e a Sociedade - e os Educadores também conseguem os resultados através das pessoas: os Alunos e estes através de suas realizações junto à Sociedade. Nela a comunidade participa ativamente da construção de um saber, que vai além do saber de pura teoria, que leva em conta as suas necessidades e a torne instrumento da criação de um mundo melhor, possibilitando-lhe transformar as pessoas em sujeitos da própria história. Ela rompe com a tradição de que só alguns

iluminados são competentes e sabem quais são as necessidades e interesses de toda uma sociedade.

Certamente existem aqueles que confundem os Educadores com os "professores", porém eu diria que os Educadores possuem uma face, um nome, histórias a serem contadas, habitam um mundo onde ensinar é uma arte e o que vale é a relação que os liga aos Alunos, sendo que cada Aluno é uma "entidade", portador de um nome, também de uma história, sofrendo tristezas e alimentando esperanças.

Mas "professores" são habitantes de um mundo diferente, onde o "educador" pouco importa, pois o que interessa é um crédito cultural que o aluno adquire numa disciplina identificada por uma sigla, sendo que, para fins institucionais, nenhuma diferença faz aquele que a ministra. Por isto mesmo, este tipo de "pessoa" é uma entidade descartável.

De Educadores para "professores" realizamos o salto de pessoas para funções. Para o fortalecimento desta proposta pedagógica, devemos eliminar barreiras, que tanto podem atrapalhar, como levar ao fracasso as Instituições no que se refere a reeducação. As barreiras a serem eliminadas a qualquer preço são:

- Isolamento pedagógico, onde o docente considera-se o "dono" da sala de aula e o "dono" do saber e da competência na área; um ser que não precisa ouvir ninguém, muito menos o Aluno;
- Medo, já que a sua existência dentro da escola fará com que a mesma fracasse em sua função maior - formar cidadãos - isto porque o medo tira das pessoas o seu orgulho, ferindo-as e tirando-lhes a oportunidade de aprender, pensar e criar sua própria história;
- Grupos de iluminados (ou elitistas), que objetivam estimular o conformismo; gerar conflito com as decisões e as necessidades de gerenciamento democrático da escola; lançar boatos falsos ou parcialmente verdadeiros e promover a resistência à mudança visando à manutenção do status quo.

Ao eliminarmos as barreiras citadas, devemos estar preparados para os conflitos e confrontos, porém as suas existências podem comprometer a reeducação e inviabilizar a construção de um mundo mais justo e humano.

O sucesso desta proposta pedagógica depende da sua capacidade de formar pessoas críticas e humanistas e que estejam comprometidas na construção de um mundo melhor para todos. Para tal, deve ter ser capaz de sensibilizar a

todos a se comprometerem com os seus princípios; este é o grande desafio e a essência da Escola da Vida.

Para viabilizar os fatores anteriores a gerência, tanto da escola como da sala de aula, deve ser democrática.

A gestão por dominação ou autocrática baseada na força e na coação, que transforma docentes e alunos em adversários, faz com que os alunos resistam mais e aprendam menos, enquanto o docente coage mais e ensina menos. Já na gestão democrática eles tornam-se parceiros na busca da excelência de vida.

Devemos ter em mente que o ensino competente é a tarefa mais difícil de ser executada porque, para que isto aconteça, torna-se necessário que o Educador consiga, através da amorosidade, convencer, ou até mesmo converter, os educandos a serem responsáveis, tanto pela construção de sua história, como pelas mudanças a serem proporcionadas para se ter um mundo melhor sem excluídos.

Os Diretores e Educadores concentram seus esforços na estruturação e reestruturação, tanto da escola como da sala de aula, a fim de se ter um ambiente adequado para atender as necessidades de uma gestão democrática, onde os Alunos serão administrados sem coação e sem medos, e onde poderão participar efetivamente de sua formação.

Como gestores modernos, desempenharão o papel de facilitadores, pois assim os Alunos irão se tornando cada vez mais responsáveis por sua autonomia.

Esta proposta pedagógica exige um ambiente de satisfação das necessidades básicas de seus membros, como a sobrevivência, amor, poder, alegria, liberdade e aprendizado.

Cada escola e cada Educador deverão encontrar suas próprias estratégias no sentido de vencer o desafio de estruturar sua proposta pedagógica de maneira que toda a comunidade, além de comprometida, sinta-se responsável pela construção, tanto de sua história como de seu mundo.

O que deve ficar claro é que a diferença entre o sucesso e o fracasso dela reside na conscientização e comprometimento de todos pela proposta.

Cada um é responsável pelo caminho que o levará, tanto ao sucesso como ao fracasso.

Nela estaremos praticando os ensinamentos extraídos por um dos textos mais significativos do professor Paulo Freire - o diálogo⁵:

⁵ Trecho extraído do livro Pedagogia do Oprimido - editado pela Paz e Terra - 18ª edição

"Não é no silêncio que os homens se fazem, mas na palavra, no trabalho, na ação-reflexão."

Se não amo o mundo, se não amo a vida, se não amo os homens, não me é possível o diálogo.

O diálogo, como encontro dos homens para a tarefa comum de saber agir, se rompe, se seus pólos (ou um deles) perdem a humildade.

Como posso dialogar, se alieno a ignorância, isto é, se a vejo sempre no outro, nunca em mim?

Como posso dialogar, se me admito como um homem diferente, virtuoso por herança, diante dos outros, meros "isto", em que não reconheço outros eu?

Como posso dialogar, se me sinto participante de um "gueto" de homens puros, donos da verdade e do saber, para quem todos os que estão fora são "essa gente", ou são "nativos inferiores"?

Como posso dialogar, se parto de que a pronúncia do mundo é tarefa de homens seletos e que a presença das massas na história é sinal de sua deterioração que devo evitar?

Como posso dialogar, se me fecho à contribuição dos outros, que jamais reconheço, e até me sinto ofendido com ela?

Como posso dialogar se temo a superação e se, só em pensar nela, sofro e definho?

A auto-suficiência é incompatível com o diálogo. Os homens que não tem humildade ou a perdem, não podem aproximar-se do povo. Não podem ser seus companheiros de pronúncia do mundo. Se alguém não é capaz de sentir-se e saber-se tão homem quanto os outros, é que lhe falta ainda muito que caminhar, para chegar ao lugar de encontro com eles. Neste lugar de encontro, não há ignorantes absolutos, nem sábios absolutos: há homens que, em comunhão, buscam saber mais.

Não há também, diálogo, se não há uma intensa fé nos homens. Fé no seu poder de fazer e de refazer. De criar e recriar. Fé na sua vocação de ser mais, que não é privilégio de alguns eleitos, mas direitos dos homens.

A fé nos homens é um dado a priori do diálogo. Por isto, existe antes mesmo de que ele se instale. O homem dialógico tem fé nos homens antes de encontrar-se frente a frente com eles. Esta, contudo, não é uma ingênua fé. O homem dialógico, que é crítico, sabe que, se o poder de fazer, de criar, de transformar, é um poder dos homens, sabe também que podem eles, em situação concreta, alienados, ter este poder prejudicado.

Esta possibilidade, porém, em lugar de matar no homem dialógico a sua fé nos homens, aparece a ele, pelo contrário, como um desafio ao qual tem de responder. Está convencido de que este poder de fazer e transformar, mesmo que negado em situações concretas, tende a renascer. Pode renascer. Pode constituir-se. Não gratuitamente, mas na e pela luta por sua libertação. Com a instalação do trabalho não mais escravo, mas livre, que dá a alegria de viver.

Sem esta fé nos homens, o diálogo é uma farsa. Transforma-se, na melhor das hipóteses, em manipulação adocicadamente paternalista.

Ao fundar-se no amor, na humildade, na fé nos homens, o diálogo se faz uma realização horizontal, em que a confiança de um pólo no outro é consequência óbvia. Seria uma contradição se, amoroso, humilde e cheio de fé, o diálogo não provocasse este clima de confiança entre seus sujeitos. Por isto inexistente esta confiança na antialogicidade da concepção "bancária" da educação.

Se a fé nos homens é um dado a priori do diálogo, a confiança se instaura com ele. A confiança vai fazendo os sujeitos dialógicos cada vez mais companheiros na pronúncia do mundo. Se falha esta confiança, é que falharam as condições discutidas anteriormente.

Um falso amor, uma falsa humildade, uma debilitada fé nos homens não podem gerar confiança. A confiança implica no testemunho que um sujeito dá aos outros de suas reais e concretas intenções. Não pode existir, se a palavra, descaracterizada, não coincide com os atos. Dizer uma coisa e fazer outra, não levando a palavra a sério, não pode ser estímulo à confiança.

Não é, porém, a esperança um cruzar de braços e esperar. Movo-me na esperança enquanto luto e, se luto com esperança, espero.

Se o diálogo é o encontro dos homens para ser mais, não pode desfazer-se na desesperança. Se os sujeitos do diálogo nada esperam do seu fazer, já não pode haver diálogo. O seu encontro é vazio e estéril. É burocrático e fastidioso”.

Para viabilizar o diálogo, a minha proposta da Escola da Vida tem com principais metas:

- Relacionar minha prática a teorias.
- Facilitar a formação crítica e humanista.
- Eliminar os limites físicos, temporais e de conteúdos tradicionais da sala de aula.
- Viabilizar a formação multidisciplinar participativa.
- Provocar o comprometimento e parcerias para a construção de um mundo mais justo humano.
- Viabilizar o contato com a bibliografia básica, alicerçada na Escola da Vida.
- Recorrer a "descoberta" como forma de construção de conhecimento, por este motivo, o trabalho está sendo desenvolvido para que você construa seu próprio caminho ao pesquisá-lo, e desta forma ir "descobrimo" o que existe nele. Para viabilizar esta proposta recorra as condições básicas para o sucesso: persistência + dedicação + disciplina.

A Escola da Vida tem inicialmente como bibliografia básica:

- Curso Básico de Mecânica dos Fluidos.
- Curso de Mecânica dos Fluidos para Engenharia Química.
- Sensibilidade e Criatividade na Busca da Excelência
- Orientação Educacional e Profissional
- Anotações de aulas da PUC
- Lições do dia-a-dia, que são originadas pelas parcerias e participações espontâneas.

- Estudos ligados ao Professor Paulo Freire
- Por que será que não nos ensinam isto?
- Crie sua WEB através do FrontPage
- Quebrando padrões: humor criativo, reflexão criativa, matemática do dia-a-dia e histórias da física.

Toda a bibliografia básica estará sempre inacabada e é justamente isto que me motiva a continuar vivo e a buscar novos aliados nas transformações de meus sonhos em realidade.

É preciso saber em que acreditar e seguir.

Raimundo Ferreira Ignácio.